

Como Roubar a Espada de um Dragão

por Soluço Spantosicus
Strondus III



traduzido do Antigo Norueguês por
CRESSIDA COWELL



Uma pequena súplica aos leitores:

POR FAVOR, NÃO CULPEM A HISTÓRIA

Até agora Solução estava só brincando de aventureiro, aprendendo a ser um Herói enquanto não havia muita coisa em jogo. No entanto, tempos mais difíceis e sombrios se aproximam na Ilha de Berk.

Por favor, não culpem a história.

Ela não pode deixar de acontecer. Às vezes não nos damos conta na ocasião, mas esta história da qual todos fazemos parte não é apenas sobre Vikings, ilhas e dragões.

É sobre crescer.

E uma das coisas sobre crescer, uma de suas leis incontestáveis, inevitáveis, é que um dia...

Um dia... Um dia...

Isso vai acontecer.

Lamento, mas é verdade.

PRÓLOGO, POR SOLUÇÃO SPANTOSICUS STRONDUS III, O ÚLTIMO DOS GRANDES HERÓIS VIKINGS

Agora que sou um homem muito, muito velho, o passado parece bem distante.

Mas já houve dragões vivendo no Arquipélago.

E eu já fui um garoto, um garoto que, aos treze anos, cometeu um erro terrível.

Libertei o dragão Furioso da prisão de Berserk.

O dragão prometeu se exilar nas planícies geladas do norte por um ano inteiro. Um ano de benevolência, e ele jurou que então organizaria a Rebelião dos Dragões, cujo principal objetivo seria a extinção total e completa de toda a raça humana.

Durante o ano seguinte, o garoto-que-eu-fui-um-dia cresceu como mato, ficando pelo menos sete centímetros mais alto. Meus braços estavam mais compridos que as mangas da camisa, mas o ano veio e foi embora sem nenhum sinal do dragão Furioso nem de sua Rebelião.

Suspirei de alívio e comecei a ter esperanças de que, talvez, as terríveis aflições de cem anos passados em cativeiro houvessem sido abrandadas pelo frio daquelas neves intocadas, e que, mergulhando livre e contente

pelas águas congelantes, perseguindo focas ariscas naquela vastidão gélida e infinita, o dragão houvesse voltado à vida feliz e despreocupada de seus ancestrais.

Talvez tivesse se lembrado de quem ele realmente era naquelas terras, em seu elemento, e esquecido a promessa, e então, quem sabe, ele simplesmente não retornaria mais?

Talvez.

Quem sabe?

Era possível.

Mas, no silêncio da noite, as palavras do dragão Furioso voltavam sibilantes e cáusticas ao meu cérebro, e não se tratava de palavras que se dissolviam como água em flocos de neve. Eram palavras de fogo, que sibilavam e queimavam, ganhando vida de modo terrível em meus sonhos.

Vamos assolar este mundo com fogo, e não deixaremos nenhum ser humano desgraçado vivo, nem um único. Pois durante os últimos cem anos venho analisando o passado e o futuro, e vou lhe dizer uma coisa, Caroto... humanos e dragões não podem viver juntos...

As palavras atravessavam meu cérebro como serpentes, queimando tudo em seu caminho.

...assim, eu vou convocar os dragões de todas as partes, das profundezas do oceano e dos confins da terra, e vamos travar a batalha final antes que seja tarde demais.

– NÃO! – eu gritava em meu sonho. – NÃO! NÃO!
NÃO! NÃO! NÃO!

O tempo, porém, não pode andar para trás. O garoto-que-eu-fui-um-dia não podia pará-lo.

E o dragão estava chegando.

1. O MELHOR DIA DA SUA VIDA (SÓ QUE NÃO)

Há muito tempo, em uma meia-noite de inverno, Soluço Spantosicus Strondus III acordou assustado.

Apesar de ser a Esperança e o Herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos, Soluço era um menino desengonçado, magricela e de aparência comum, com o tipo de rosto que passa facilmente despercebido na multidão.

Para dizer a verdade, ele não vinha dormindo muito bem.

É difícil dormir bem quando sua cama é uma rede pendurada quase no topo do Caminho Árduo da Montanha Furiosa.

O Caminho Árduo da Montanha Furiosa é um penhasco tão alto que são necessários dois dias e uma noite para escalá-lo. É tão íngreme que quem sobe precisa martelar alguns pregos e passar uma noite desconfortável dormindo em uma rede pendurada sem segurança na rocha reluzente.

O dragão de montaria de Soluço, o Caminhante do Vento, que dormia em uma pequena saliência da pedra a alguns metros dele, deveria estar atento a possíveis perigos.

Mas ainda era inverno, época de hibernação do Caminhante do Vento, assim ele mal ficava acordado

durante o dia, e agora, que era noite, dormia tão profundamente que até parecia morto. Seu corpo comprido e relaxado esparramava-se na saliência, e ele roncava alto feito uma vaca gripada.

Qualquer coisa perigosa teria que chegar e se sentar na cabeça dele para que ele a percebesse.

Banguela, o minúsculo e egoísta dragão de caça Comum ou de Jardim, também não havia notado nada. Encontrava-se mergulhado em um sono profundo no peito de Solução, exalando anéis de fumaça que preenchiam a rede.

Mas foi o perigo que acordou o garoto.

Ele tinha certeza disso.

O coração de Solução saltou como um boneco de mola sai de uma caixa, e de repente ele se viu totalmente desperto, pois pressentia o perigo com cada fibra de seu ser.

O perigo o cercava.

Sinceramente, era para eles estarem em segurança, naquela altura do despenhadeiro e em pleno inverno, quando a maior parte dos dragões perigosos do Arquipélago ainda estava hibernando.

O único perigo deveria ser a rede cair.

Então por que o coração de Solução batia tão rápido, e por que seu estômago parecia tão revirado?

Movendo-se muito devagar (ele não queria mudar de posição), Solução espiou pela borda da rede.

O fundo do despenhadeiro estava nauseantemente distante.

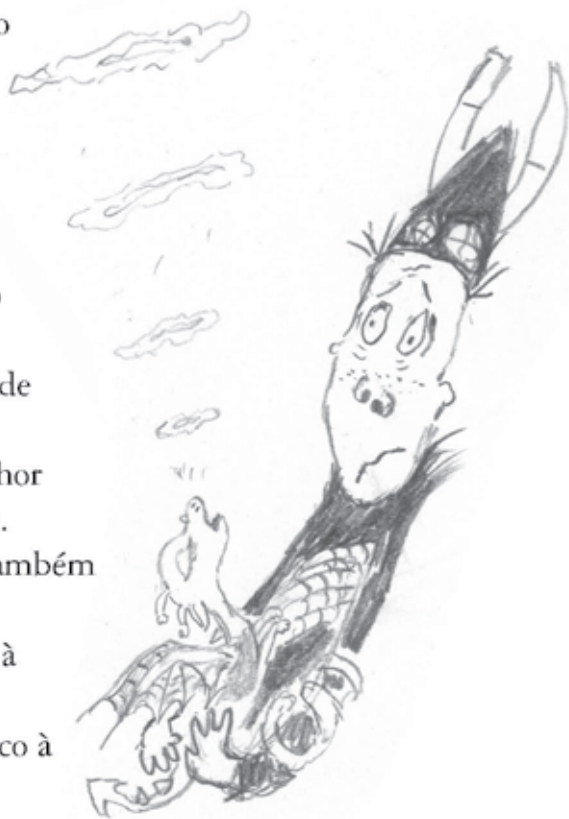
Soluço engoliu em seco e tentou não olhar para baixo.

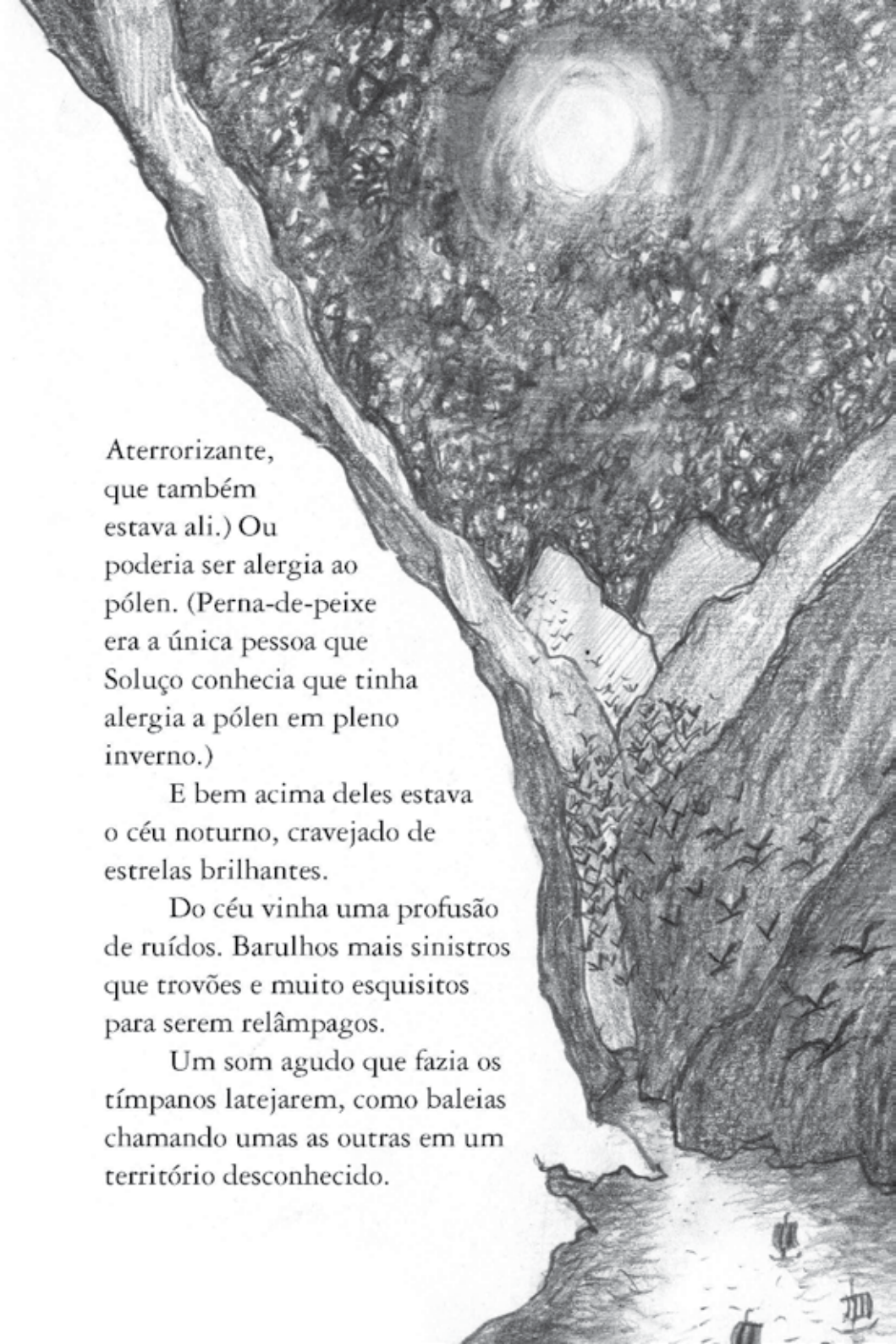
Encontravam-se em uma altitude tão grande que ele podia enxergar quilômetros a frente em todas as direções, como se observasse um mapa do Arquipélago. Ao oeste, o mar. Ao norte, a fenda sinistra e irregular da Garganta do Trovão de Thor. E ainda mais ao norte, os icebergs à deriva e os picos serrilhados das Montanhas Congeladas.

E aqui, bem aqui, a misteriosa paisagem do continente de gelo e neve, atenuada por estranhos lagos de água quente e borbulhante, que soltavam fumaça como dragões roncando.

A alguns metros de Soluço pendia a rede remendada de seu melhor amigo, Perna-de-peixe.

Perna-de-peixe também roncava, mas era provavelmente devido à asma. (Perna-de-peixe infelizmente era alérgico à dragoa dele, Vaca



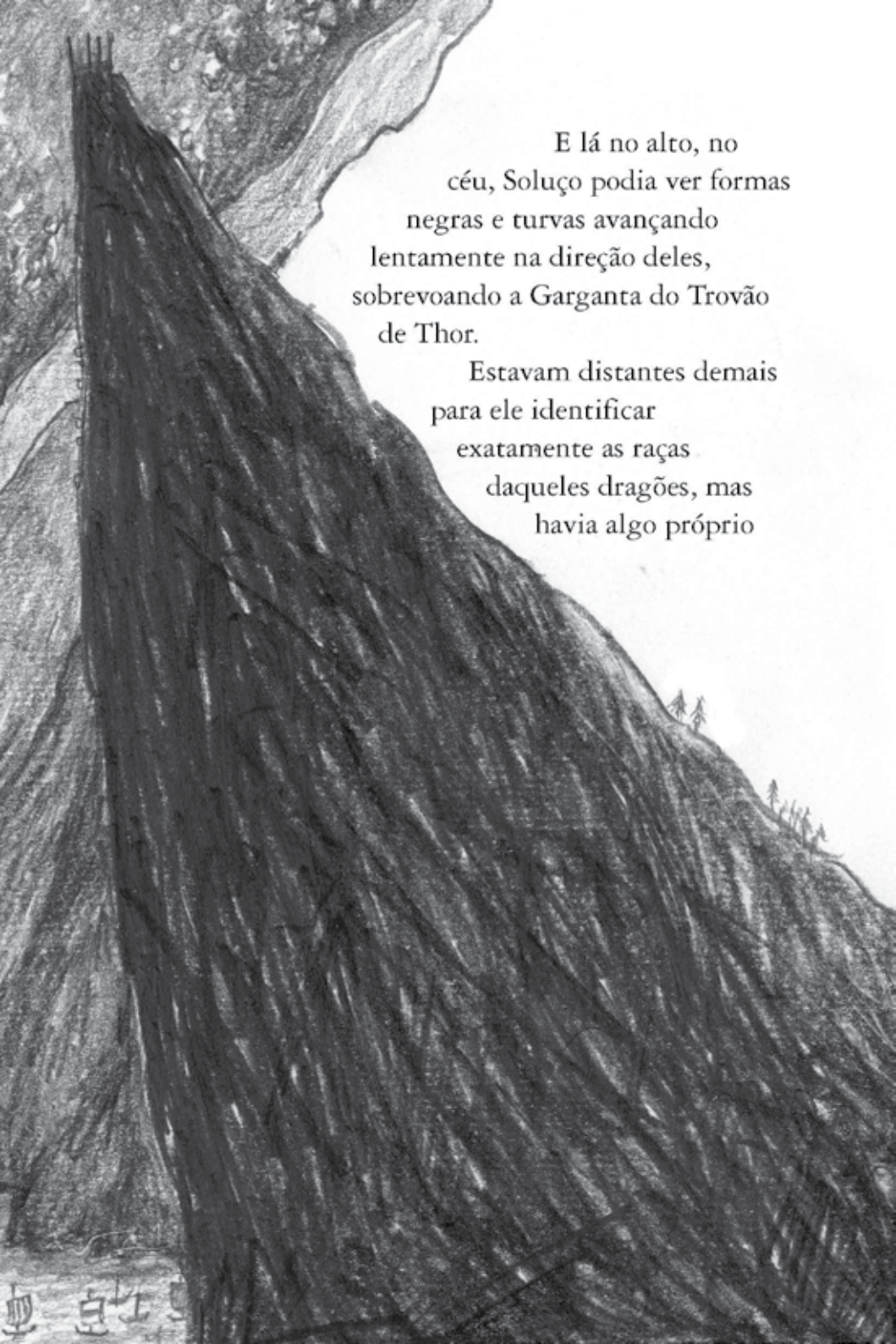


Aterrorizante, que também estava ali.) Ou poderia ser alergia ao pólen. (Perna-de-peixe era a única pessoa que Solução conhecia que tinha alergia a pólen em pleno inverno.)

E bem acima deles estava o céu noturno, cravejado de estrelas brilhantes.

Do céu vinha uma profusão de ruídos. Barulhos mais sinistros que trovões e muito esquisitos para serem relâmpagos.

Um som agudo que fazia os tímpanos latejarem, como baleias chamando umas as outras em um território desconhecido.



E lá no alto, no
céu, Soluço podia ver formas
negras e turvas avançando
lentamente na direção deles,
sobrevoadando a Garganta do Trovão
de Thor.

Estavam distantes demais
para ele identificar
exatamente as raças
daqueles dragões, mas
havia algo próprio

dos pesadelos em suas asas, e, bem no fundo de sua alma, Solução sentia isso.

Quando um filhote de coelho avista um gavião voando em círculos no céu, ele pode nunca ter visto tal criatura, mas alguma memória ancestral lhe diz para ter medo, para fugir em grandes saltos cheios de pânico em direção à segurança da toca. Foi assim com aqueles dragões.

Não que Solução nunca tivesse visto dragões, óbvio.

Ele vivia em um mundo repleto dessas criaturas, tanto selvagens quanto domesticadas.

Mas o comportamento daqueles dragões era diferente. Eram várias espécies reunidas, e agiam como se estivessem em um grupo de caça. E dragões de raças diferentes não costumavam se juntar para caçar humanos.

Talvez isso já tivesse acontecido antes, havia muito tempo.

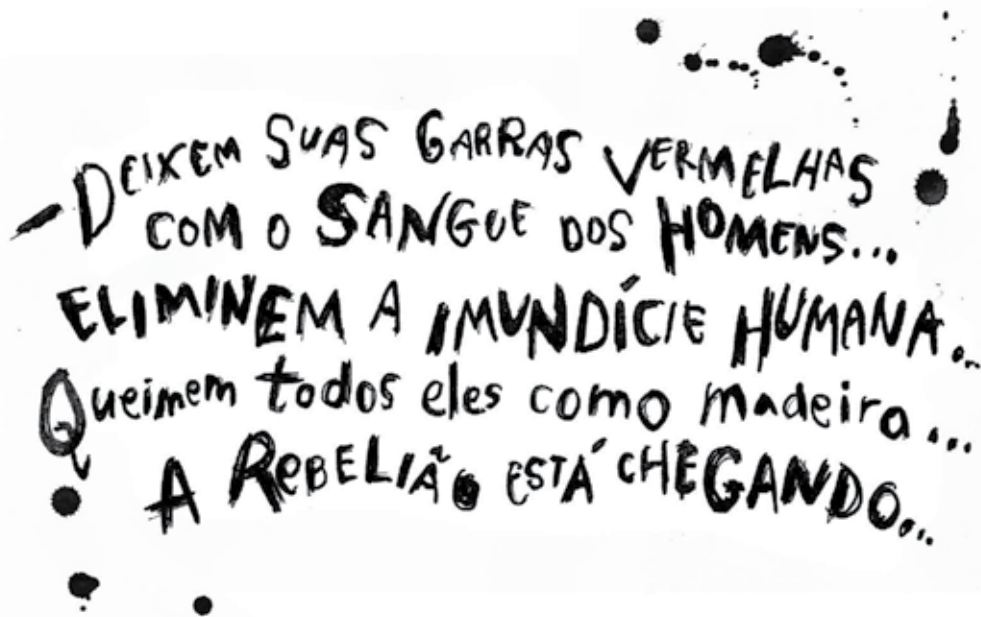
Mas, até onde os anciões conseguiam lembrar, dragões não caçavam humanos.

Um dragão selvagem comeria você, é claro, se você cruzasse seu caminho e ele estivesse com fome. Mas não havia caçadas organizadas ao homem, como talvez tenha havido em um passado bem distante.

O couro cabeludo de Solução formigava por inteiro devido ao medo, como se centenas de besouros negros o escalassem. Ele apurou tanto os ouvidos, tentando escutar naquela escuridão, que teve a

impressão de que seus tímpanos saíam da orelha. E, de alguma forma, acima do rugido do vento, ele ouviu um som verdadeiramente aterrador, um sibilo selvagem em dragonês, porém mais repugnante do que qualquer coisa que ele já ouvira, cheio de ódio.

Havia algo assustadoramente semelhante a um transe na maneira como as palavras eram ditas, tão fracas que ele mal conseguia captá-las. Mas talvez fosse melhor que não pudesse ouvi-las:



DEIXEM SUAS GARRAS VERMELHAS
COM O SANGUE DOS HOMENS...
ELIMINEM A IMUNDÍCIE HUMANA...
Queimem todos eles como madeira...
A REBELIÃO ESTÁ CHEGANDO...

Cada vez mais perto, os dragões se aproximavam, voando direto para o desfileiro onde as redes estavam penduradas.

Soluço inclinou ainda mais o pescoço. Vinte metros acima dele estavam as redes dos outros jovens Guerreiros das Tribos do Arquipélago, presas ao penhasco por pregos, como a dele. Estavam a cerca de meia hora de escalada, e, enquanto as redes de Soluço e Perna-de-peixe eram feitas de cobertores marrons remendados, as deles eram feitas com velas antigas de navio. As estampas berrantes das velas, com listras vermelhas e brancas ou losangos azuis e dourados destacavam-se contra o penhasco como um flamingo em um pântano.

Os misteriosos dragões avançavam diretamente para eles.

Soluço podia ver agora quais eram suas espécies. Reconheceu-as pelos padrões das asas.

O bando reunia algumas das raças de dragões mais cruéis do Arquipélago: Asas de Navalha, Línguas-de-sogra, Desânimos e Mortes Carnicentas de Vampiro.

Tenho que alertar os outros, pensou Soluço, e abriu a boca para gritar, mas parecia que o terror tinha estrangulado suas cordas vocais, como acontece em nossos piores pesadelos.

– Grite – arfou Soluço debilmente –, grite grite grite...

Isso não ia adiantar muito.

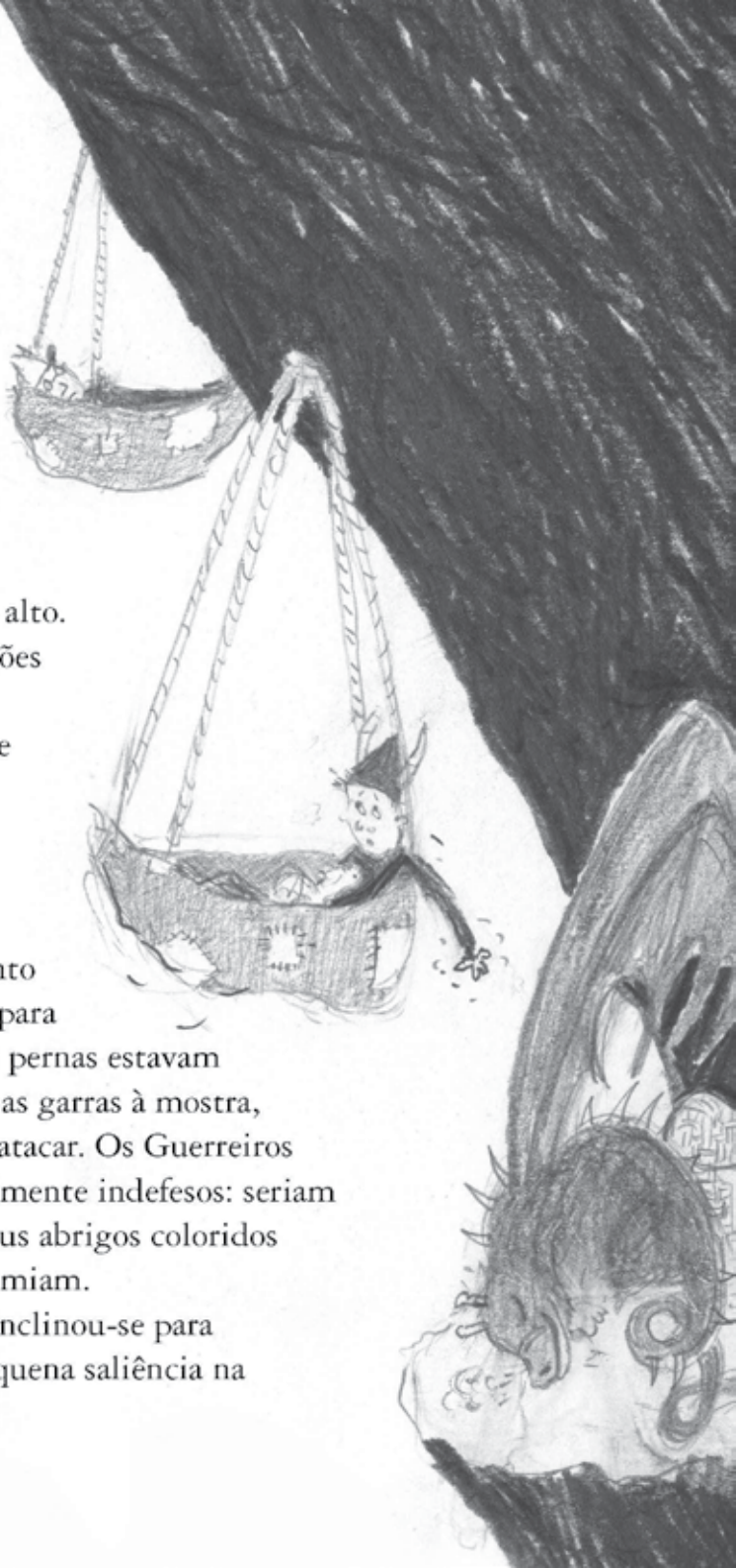
E então:

– Dragões... – E, pensando melhor: – Realmente cruéis.

Isso não
estava
acordando
nem
Banguela,
quanto mais
os jovens
guerreiros
roncando
tranquilos,
alheios, lá no alto.

Os dragões
estavam
horripelmente
perto agora,
voando em
formação
cerrada –
comportamento
nada natural para
dragões. Suas pernas estavam
encolhidas, e as garras à mostra,
prontos para atacar. Os Guerreiros
estavam totalmente indefesos: seriam
mortos em seus abrigos coloridos
enquanto dormiam.

Soluço inclinou-se para
alcançar a pequena saliência na





pedra onde guardara sua mochila. Com as mãos trêmulas, puxou o arco e uma flecha da aldrava.

Talvez fosse sorte Solução estar tão distante. Se ele pudesse ver o que o líder do bando de dragões estava fazendo agora... poderia ter desmaiado.

Pois o líder era um dragão Língua-de-sogra.

Língua-de-sogra é um nome bem doce para um dragão. Mas receio que os Línguas-de-sogra removam os braços e as pernas das vítimas para que elas não possam mais fugir.

Desculpe, mas é verdade.

Pairando perfeitamente imóvel perto de uma das redes, o Língua-de-sogra abriu lentamente a boca e



projetou a língua para fora: uma língua mais grossa que o braço de um homem musculoso. A extremidade bifurcada era flexível e sensível.

A língua deslizou para uma das redes, a que pertencia a Melequento, o desagradável primo de Solução, e remexeu o interior, como se procurasse alguma coisa.

Solução caprichou na pontaria e disparou a flecha. Naturalmente, mirava no Língua-de-sogra.

Na verdade, Solução não era um péssimo arqueiro. Não era tão bom quanto com espadas, mas também não era ruim.

Mas, para sermos justos, é difícil disparar uma flecha quando se está uma rede instável. Principalmente

quando o arco e a flecha usados foram entortados, ironicamente, pelo próprio Melequento.

A flecha um tanto torta deixou o arco e subiu ziguezagueando errática como um bêbado. No último instante, ela mergulhou para a direita, passando direto pelo dragão e enterrando-se na panturrilha esquerda de Melequento.

Não foi exatamente o que Solução pretendia, mas acabou tendo o efeito desejado... mais ou menos.

Melequento soltou um gritinho abafado, como você faria, é claro, se tivesse acabado de levar uma flechada na perna, e saltou da rede... para grande surpresa (e irritação) do Língua-de-sogra, que ainda não havia abocanhado uma perna ou um braço do humano.

Naturalmente, em seu estado semiadormecido e surpreendido pela flecha, Melequento havia esquecido por completo que se encontrava quase no topo do desfiladeiro. E lá se foi ele caindo, despencando sem nenhum controle, passando pelas redes de seus companheiros Guerreiros e pelo próprio Solução, que estendeu a mão em desespero para tentar pegá-lo. Mesmo que conseguisse, porém, Melequento seria pesado demais...

E esse teria sido o fim de Melequento se não houvesse uma árvore crescendo na parede do penhasco, não muito abaixo de Solução. A árvore amorteceu a queda, e, embora continuasse caindo, o garoto conseguiu aga-a-a-arrar um dos flexíveis galhos mais baixos a tempo de se salvar.

ME AJUDE
SEU IDIOTA!

E, assim, lá estava Melequento, pendurado na árvore, a quase mil metros de altura, tão surpreso que também não conseguia emitir um único som, encarando Solução com os olhos arregalados e cheios de pavor.

– ME AJUDE, SEU IDIOTA! – disse Melequento, articulando as palavras grosseiras sem som. Ele não era muito educado, nem mesmo quando tinha acabado de ser poupado de um destino horrível na língua de um Língua-de-sogra e dependia da pessoa que estava insultando para salvar sua vida.

Melequento não aguentaria se segurar por muito tempo, mas Solução não conseguia alcançá-lo.

O garoto tateou freneticamente em sua rede, tentando pegar uma das cordas de escalada para que Melequento a agarrasse. No entanto, mesmo na melhor das situações, mover-se em uma rede é como tentar vestir sua roupa de baixo dentro de uma fronha,



e, nesse caso, com a rede embaçada pela fumaça de Banguela, era como participar de uma cerimônia bizarra em uma sauna.

De um lado para o outro, Soluço lutava para se equilibrar, mas não conseguia encontrar a ponta da maldita corda de escalada e suas mãos estavam escorregadias de suor. Ele contorcia-se freneticamente como uma minhoca no anzol... e sem querer sacou a espada em vez de puxar a corda...

Com o som terrível de algo se rasgando, a espada cortou a velha rede marrom desbotada bem ao meio.

– Uuuuuuuuaaaaahhhh!

Agora, enfim, ele encontrava a voz.

– ATAQUE DE DRAGÕÕÕES!!!!!!

Foi um grito gigante, que saiu em uma explosão de pavor dos pulmões de Soluço, ecoando nas paredes escuras do despenhadeiro, que devolveia o grito, repetidamente.

A alguns metros de distância, Perna-de-peixe ouviu o grito em toda sua glória e acordou com um salto, como uma estrela cadente explodindo. Ele também quase caiu da rede. Bem, bem mais acima no penhasco, todas as redes oscilaram e sacudiram conforme seus ocupantes sentavam-se, sonolentos, perguntando:

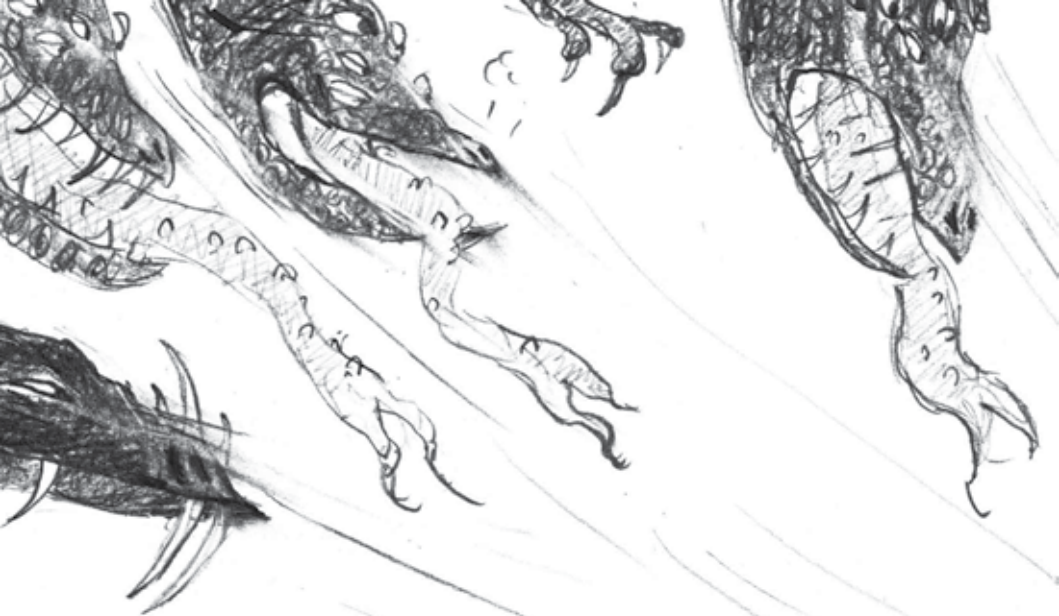
– Que que é isso? Que que está acontecendo?

– Ê-e-e-e-í! – guinchou Banguela, alarmado, abrindo os olhos e as asas ao perceber que despencava em direção ao chão.



Os dragões interromperam o ataque por um momento, pairando no ar frio da noite. Eles ajustaram as luzes dos olhos amarelos (um truque extraordinário que alguns dragões possuem) de um leve brilho a um clarão ofuscante como um farol e olharam para baixo...

E localizaram Solução, balançando nos restos de sua rede, iluminando-o com o brilho estonteante dos muitos feixes de luz, de modo que ele se destacava em detalhes contra a escuridão do penhasco.



– Oh-oh... CAMINHANTE DO VENTO! ACORDE!!!! – gritou Soluço, brandindo a espada à sua volta selvagememente. (Ele gritou isso em dragonês, pois Soluço era um dos poucos Vikings, antes ou depois de seu tempo, que podia falar essa língua fascinante.)

– Hooooooooooooooooo... sssshuuuuuh... – roncava o Caminhante do Vento.

O bando de dragões, que estranhamente permanecera pairando acima de Soluço, sibilou com uma raiva lenta e arrepiante. Algo moveu-se em seus olhos. Era o engenhoso mecanismo de foco, uma membrana que descia sobre os olhos e permitia que vissem objetos com incrível precisão, de uma distância extraordinária. Ficaram ali parados por mais um momento, imóveis.

Apenas seus olhos moviam-se ligeiramente,
seguindo a agitação da espada de Solução.

E então eles fecharam as asas e mergulharam.

O Mergulho da Presa.

Que linda visão, se ao menos Solução
estivesse no estado de espírito para
apreciá-la! Era uma pena que no
momento ele estivesse pendurado
apenas por um fio de cobertor no
penhasco mais alto do
Arquipélago.

Pois o Mergulho da
Presa é um feito
glorioso de acrobacia
aérea, no qual o

dragão se
lança em queda
livre com as asas
fechadas.
E ver um grupo de
gigantescos dragões
executando isso ao mesmo tempo,
em uma linha tão vertical e tão rente
ao Caminho Árduo da Montanha Furiosa
que suas asas praticamente raspavam na



parede do penhasco, na calada da noite – bem, posso lhes dizer, tal cena deveria ser um privilégio e um prazer, o tipo de visão para se ter antes de morrer. (E, francamente, se você assiste a essa cena, a probabilidade é a de que vá mesmo morrer rapidinho.)

O líder dos dragões abriu a boca enquanto os outros se lançavam guinchando na direção de Solução, que se contorceu e fez uma última e alucinada tentativa de se balançar, conseguindo se afastar do penhasco no último instante, e o bando inteiro de dragões passou por ele e prosseguiu, sem conseguir parar, no impressionante mergulho desfiladeiro abaixo.

Solução debatia-se frenético, tentando com desespero firmar os pés na rocha lisa como vidro. Ele podia sentir os dedos escorregando aos poucos pelo que restava da rede. Não ia conseguir se segurar por muito tempo... mas não havia nada em que pudesse apoiar os pés, e ele balançou de novo acima da queda vertiginosa.

Enquanto isso Banguela pulava na barriga do Caminhante do Vento, tentando desesperadamente fazê-lo acordar.

– A-A-Acorde! Acorde! Ou Banguela vai moer seus ossos e fazer um calão! – gritou o pequeno dragão. – Acorde, seu p-p-perdedor paucudo p-p-preguiçoso!

– Hooooooooooooooooo... sssshuuuuuuuh... – Os roncos do Caminhante do Vento soavam mais felizes e satisfeitos que nunca. Em seus sonhos, ele voava alegremente de

árvore em árvore, e uma borboletinha linda fazia cócegas com delicadeza em sua barriga com suas lindas asinhas de borboleta.

Perna-de-peixe tentou sair da rede para ajudar, mas seu pé ficou preso em uma das cordas.

Clang!

O quinquagésimo dragão, outro Língua-de-sogra, depois de passado guinchando por Solução a quase duzentos e cinquenta quilômetros por hora, fez uma volta súbita e vertiginosa no último segundo, agarrando-se ao penhasco com as garras na ponta das asas.

Brilhante. Uma habilidade de voo absolutamente extraordinária.

Com os olhos fixos em Solução, o Língua-de-sogra começou a escalar o penhasco usando as asas, indo na direção do garoto pendurado e aparentemente indefeso.



Banguela desistira de pular na barriga do Caminhante do Vento e agora o empurrava com toda a sua minúscula força, tentando derrubar o dragão que roncava alegremente da saliência da rocha esperando que isso o fizesse voltar a si.

– *Áh, não se vá, linda borboletinha* – sussurrou o Caminhante do Vento em seus sonhos, soprando anéis de fumaça em reprovação –, *fique comigo, pequena esvoaçante, e dançaremos a dança das flores...*

– **SOLUÇO, SEU IMBECIL!** – gritou Melequento, agarrado na árvore alguns metros abaixo. – **PELO MENOS UMA VEZ NA VIDA, FAÇA ALGUMA COISA! NÃO VOU AGUENTAR ME SEGURAR POR MUITO MAIS TEMPO!**

Mas Solução tinha seus próprios problemas para resolver.

– *Aaaaiêêêêê!* – gritou Solução enquanto o Língua-de-sogra se arrastava, como um morcego, chegando cada vez mais perto, e quando ele abriu a boca, Solução viu a tenebrosa e musculosa língua cabeluda espreitando como uma lesma nas profundezas.

As mandíbulas de jacaré do dragão se abriram com um estalo, e sua horrível língua saiu serpentando, enroscando-se na espada de Solução e levando a mão esquerda do garoto com ela, afastando-a da rede ...

O dragão mudou de posição por um momento e, estremecendo de repulsa, Solução sentiu a língua enrolando-se em todo o seu braço.

Rip!

Outro pedaço do cobertor rasgou, deixando-o pendurado pelo mais fino dos fios acima do despenhadeiro.

O dragão fez uma pausa, preparando-se para torcer e arrancar o braço de Solução que segurava a espada...

